

5. PAULO FREIRE: O IMORTAL DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

*Hilda Bayma Freire*¹¹

Resumo

O texto destaca pontos centrais da obra de Paulo Freire, pensador e educador ainda vivo nas suas contribuições pedagógicas registradas em acervos culturais do Brasil e do mundo. Dentro desse propósito, duas noções principais são desenvolvidas em torno de valores centrais da obra freireana, traduzidos pela educação humanizadora e libertadora das classes populares, crítica à dominação ideológica capitalista e compromisso com um processo de mudança cultural e social. A primeira ideia assenta-se no diálogo como força do pensamento consciente, do qual emerge uma educação dialógica, problematizadora, centrada na reflexão e na ação partilhada entre educadores e educandos com sentido à conscientização, à autonomia e à mudança. A segunda noção desenvolve-se a partir do entendimento de leitura da palavra como instrumento multiplicador do saber popular. Nesse âmbito, a leitura é enquadrada como um exercício que não deve se esgotar na

¹¹ Faculdade Anchieta do Recife-PE

decodificação e se inscrever em um processo de *inteligência de mundo*, que ajuda o povo a pensar democraticamente no mundo e com o mundo.

Abstract

This text highlights key points of the work of Paulo Freire, intellectual and educator still alive in pedagogical contributions registered in cultural collections in Brazil and around the world. With this aim, this essay develops two central ideas around important values of Freire's heritage in pedagogy: a humanizing education for freedom of popular classes; critics to the ideological domination of capitalism and engagement with a process of cultural and social changes. The first key idea lies in the dialog as a powerful way to develop awareness. In this context, the dialog and problematizing education stand in the shared reflection and action towards awareness, autonomy and change. The second idea is in the reading the word and the world as a way to multiply the popular knowledge. In this sense, reading should be more than an exercise of decodifying word by word, taking part of a process of *world intelligence*, which enables individuals to democratically think about the world and with the world.

O objetivo desta pesquisa é ressaltar pontos importantes da vida de um grande educador que permanece vivo na cultura do Brasil e de outros países, mediante as suas contribuições pedagógicas registradas nos seus acervos culturais estruturados nos valores construtivos de uma formação educativa popular de pessoas que buscam o conhecimento para superar o analfabetismo e se inserir no processo de igualdade, como sujeitos das suas próprias aprendizagens. Paulo Freire tinha uma mente brilhante, cheia de pensamentos construtivos para o povo e pelo povo. Sonhou alto, e enfrentou muitos obstáculos, mas o seu poder de liderança voltado para inserir um método de ensino que mudasse o papel do professor e do aluno foi mais significativo. Isto é, uma nova forma de ensinar e de aprender a ler e a escrever, ou seja, uma forma de o homem comum aprender a dialogar para enfrentar a pedagogia da classe dominante (Paulo Freire, 2004).

Paulo Freire, um educador e pensador de destaque na história da massa popular, que fez a diferença na cultura brasileira com o seu método de Alfabetização de jovens e adultos. Preocupado com a aprendizagem da massa criou um processo de educação coletiva, em prol da crítica à dominação ideológica e capitalista. Recife (*19/09/1921 - +02/05/1997 – São Paulo) que se destacou no mundo acadêmico e social, deixando grandes contribuições na área da educação, não só para o Brasil, mas para outros países que adotam a sua metodologia pedagógica. É considerado por muitos como o maior educador brasileiro. Em Recife, a sua trajetória profissional se fez presente em várias instituições de ensino (Colégio Osvaldo Cruz, SESI, Instituto Capibaribe do Recife, Escola de Serviço Social, Escola de Belas Artes, Serviço de Extensão Cultural do Recife da Universidade do Recife - Universidade Federal de Pernambuco), beneficiadas pela sua dedicação e competência profissional, tanto no que verbalizava, como no que expressava na escrita. Era contundente nas suas práticas educativas e confiante

do seu objetivo de proporcionar à população carente uma aprendizagem centrada no diálogo.

No pensar de Paulo Freire alfabetizar é mais que um “simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler”. Isto é, técnicas usadas de formas conscientes. Para entender “o que se lê e escreve”. Construindo assim, uma autoformação do homem atuante sobre o seu mundo da globalização. “Alfabetizar não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador”. Neste processo de ensinar e aprender, o educador tem a função de dialogar com o analfabeto a respeito das situações concretas, proporcionando-lhe os meios com os quais possa se alfabetizar (Freire, 2000, p.72).

Note-se que, o método de ensino freireano foi estruturado com características formativas próprias, visando mudanças construtivas voltadas para inserir o homem analfabeto num contexto social de ideias plurais, no âmbito de sua realidade histórica, num processo de humanização da massa, em função da liberdade, face à alienação. Com foco nas vivências coletivas que possibilitavam a construção do conhecimento consciente deste povo. Para Paulo Freire, o educador, no processo de construção do saber consciente, deve-se ter em conta as etapas da (des)codificação, centradas nos homens, os quais vão externar a sua compreensão de mundo, com o próprio pensar e uma forma de perceber as “situações-limites”, na dinâmica da realidade sociopolítica (Freire, 1982, p. 115).

Paulo Freire (2004), com os seus conhecimentos e experiências, valorizou a educação de jovens e adultos analfabetos, como uma estratégia para conquistar o mundo do povo e com o povo. Um projeto “simples”, porém com grandes ensinamentos construtivos e formativos de emergência política, face à desigualdade social. No seu legado, é considerado atualmente uma das maiores autoridades mundiais de uma educação libertadora e humanizadora,

centrada na ética sócio-política e comprometida com o processo de mudança cultural da massa popular, através da prática educativa respaldada na ideia interacionista voltada para construir um pensamento novo e crítico. Em favor do oprimido e não do opressor, ou seja, mudar a forma simples de pensar deste homem, para torná-lo um pensador crítico, através da educação dialógica.

Paulo Freire (1960, 1970), na sua representatividade de seus saberes falados e/ou escritos para homens e para mulheres, construiu uma política educativa contagiante da humanidade, a qual inseriu a sociedade brasileira no conhecimento, na conscientização para superar as barreiras do analfabetismo, em busca da igualdade cultural, com foco na pedagogia formadora de sujeitos do conhecimento, que chegou a causar polêmica no contexto político e econômico (anos 60-70) devido ao impasse do poder dominante.

Paulo Freire afirmou que “[...] a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza” (2003, pp. 36-38), até porque, de nada valem as palavras sem a corporeidade do exemplo. Paulo Freire chama atenção para o que diz respeito à aceitação do novo: ressaltando que, todo conhecimento novo pode substituir o já existente, mas “o velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo” (p.39).

É pertinente destacar que, na sua caminhada “sofrida”, o seu processo educativo foi interrompido por forças maiores (golpe de estado), mas o sonho de criar uma cultura popular permanecia vivo e mais contundente. Otimizado pelo desafio de mostrar ao mundo que as suas ideias não eram subversivas, continuou pondo em prática os seus ideais de mudar o pensamento do homem e da mulher analfabetos, para mentes ativas, participantes e críticas, em prol de uma cultura popular, a qual se tornou um marco jamais esquecido por todos. Na sua trajetória no estrangeiro, passou 15 anos por diversos países (Chile, Estados Unidos

da América, Suíça e África), sempre com o pensamento centrado nas construções e mudanças da prática pedagógica, a qual teria como prioridade mudar o destino do povo oprimido.

Por seu lado, a motivação pessoal mantinha firme o seu pensamento de por em prática a Pedagogia dialógica, como educador e escritor de bons livros, com foco na educação formativa do povo e para o povo, até porque, nunca perdeu a esperança de fazer o que sempre planejou educar para mudar (Freire, 1960). Retornou ao Brasil (1980), fixando-se em São Paulo, onde foi acolhido pelos centros de destaque na educação paulista (PUC e UNICAMP), e como diretor da Secretaria de Educação do Município paulista, deu continuidade ao seu trabalho de educação de jovens e adultos, pondo em prática a Pedagogia do Oprimido e a Educação como prática da liberdade, valorizando o processo da humanização mediada pela educação popular. Ressalte-se ainda que Recife-PE mantém vivo o pensamento de Paulo Freire, no âmbito da Educação e no respeito pela sua eterna contribuição cultural.

Para Paulo Freire: o povo através da reflexão dialógica sobre a injustiça e a opressão, cria um processo de mudança, resultando na práxis libertadora (Freire, 2004, p. 36). Isto é, o impasse entre o pensamento do oprimido e o pensamento do opressor resultaria em mudanças, ou seja, o medo seria ofuscado pela consciência de fatos inerentes ao convívio social e o homem conquistaria o mundo para libertar-se do poder dominante. Até porque nesta ótica, o diálogo é uma forma de o homem libertar-se da opressão para vida social. E a comunicação é ressaltada como uma prática da palavra, em prol da ação para o homem entender e superar os obstáculos existentes na sua própria história.

É de se destacar que Paulo Freire nunca desistiu do sonho de transformar o homem analfabeto em letrado, um pensamento considerado na época não muito apropriado e que decerto teve um preço muito alto, mas que depois foi transformado em embasamentos mais

fortes para a divulgação e validação do seu método de educar para libertar-se, em função do povo e para o povo. De volta ao Brasil em 1980, inicia a sua jornada pedagógica centrada na ideia do diálogo entre educador e educando, no âmbito da aprendizagem da leitura e da escrita, em nível elementar. Isto é, uma aprendizagem que transformava a população relegada num público ativo, crítico, participativo e consciente dos seus atos. Ora, era decerto o que a educação freireana objetiva, inserir o povo numa democracia real sem discriminação.

Neste impasse, afirmou Paulo Freire: “Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar” (Paulo Freire, 1988, p.163). Tudo isso tinha a ver com uma conquista de mudanças em todos os níveis, onde o aluno através da educação dialógica aprendia a pensar e o professor aprendia a ensinar e não ser um mero depositário de conteúdos, até porque, no método de Paulo Freire, o professor precisa ser competente na sua função, deve estudar, para fazer jus ao seu papel de educador, para dialogar com os alunos num processo de busca de invenção e (re)invenção (...) A incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor (Paulo Freire, 1997, pp. 102-103). Haja vista, a aprendizagem neste processo dialógico centra-se em mudanças de ambas as partes, de quem ensina e de quem aprende.

A educação freireana, se expandiu com a prática do seu método, subsidiada por seus pensamentos formativos de saberes pedagógicos registrados nos seus diversos livros, mas de destaque neste contexto: A Pedagogia do oprimido (1968); A educação como prática da liberdade (1976); Política e educação (1985); Alfabetização: Leitura do mundo (1987); A pedagogia para a liberdade (1987) e outros. É pertinente concordar que este acervo continua presente subsidiando a educação brasileira na inclusão do homem no mundo das ideias partilhadas.

Note-se que, na educação pensada com o povo e para o povo, insere-se a Pedagogia do oprimido (1968, lançado no exílio Santiago do Chile), com foco na liberdade do pensamento construído através da prática educativa do ensino aprendizagem centrada no diálogo problematizado e participativo. Neste contexto, Paulo Freire ressalta o povo como sujeito cognoscente, autor da sua própria história, centrada na práxis mediada pela ação e pela reflexão partilhada, onde o homem através da aprendizagem dialógica aprende a pensar conscientemente para conquistar a sua liberdade, haja vista, a dialogicidade ser a essência da educação freireana, na qual o homem se emancipa e ler criticamente a realidade social.

Nas palavras de Paulo Freire:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (Freire, 2000, p. 46).

Decerto, nesta visão Paulo Freire luta contra uma educação depositária e revolucionária com a educação como prática da liberdade, na qual o homem vai participar compreendendo o seu processo de existir através da aprendizagem consciente e crítica, para tornar-se cidadão do mundo. Mas, “o grande problema estava em como os oprimidos, que hospedam o opressor em si, vão participar desta elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia da sua libertação, ou só quando descobrem os hospedeiros do opressor, poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora (Paulo Freire, 2004, p.32)”. Ora, neste processo construtivo de relações partilhadas, a conscientização crítica ideológica da leitura

do mundo requer do oprimido uma percepção organizada com cooperação estruturada na práxis da dialogicidade para compreender os atos do opressor e superar o pensamento oprimido.

Além disso, na educação do oprimido tudo que acontece: “tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. A pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por uma libertação, em que esta pedagogia se fará e se refará” (Paulo Freire, 2004, p.32). Verifica-se que a educação como prática da liberdade é construída com o homem e para o homem na compreensão da sua própria história.

Já na educação como prática da liberdade, Freire (1976) aponta meios para que ninguém seja mais excluído e afirma que para ser livre, a pessoa precisa se descobrir através da educação partilhada, isto é, ter consciência de si e do mundo com ideias novas para superar a prática da dominação através do letramento. Decerto, houve um impacto muito forte entre as ideias freireanas e o poder político, até porque a classe dominante manipulava a massa popular, e por seu lado, não queria compreender a ponte de ligação que o Paulo Freire fazia entre alfabetização e conscientização. Mas, o alvo freireano era uma educação popular solidária, em prol de uma ascensão democrática do povo, o qual precisava ter liberdade de poder de crítica, tendo em vista o processo de manipulação da classe dominante, face ao oprimido. Diante da força do poder dominante, as ideias freireanas voltavam-se para uma emergência política, no âmbito dos fatos sociais, marcados pela desigualdade de poder e não para a imposição de atos sociais.

Para isso, reforçava o modelo de educação popular, no qual o professor teria o diálogo como instrumento de ensino sem imposição, com respeito à liberdade expressiva dos alfabetizandos, ou seja, a linguagem do povo e suas experiências vivenciadas na sua

história serviriam de modelos para construir um saber novo. Ora, nesta pedagogia a palavra do aluno era geradora de outras palavras, onde a alfabetização e a conscientização se juntavam para o povo tomar consciência dos fatos reais, em prol de uma liberdade de opinião. Era, de fato, o sonho de Paulo Freire, salvar o homem do domínio das classes elitizantes, através da compreensão da sua própria história.

Verifica-se que a sua prática educativa volta-se para a interação coletiva de um conhecimento partilhado e dinamizado pela linguagem, pela prática consciente das ideias, em prol da autonomia pessoal.

Decerto, a práxis educativa de Paulo Freire (1976) está inserida na educação brasileira e de muitos países, como uma forma de as pessoas pensarem melhor e se inserirem na sociedade de forma participativa, consciente, ativa, em função da igualdade social. Justamente por ser um método voltado para uma educação humanizadora pautada no diálogo, em prol de mudanças conscientes (Paulo Freire, 1979). Ou seja, uma educação que proporcionasse ao homem condições apropriadas para superar as injustiças e as opressões de ideais frustrados no convívio social. Como educador de fato, Paulo Freire (1987) diante da situação crítica dos oprimidos (quem sou eu?) pensou numa estratégia insuperável, isto é, usar a educação como instrumento significativo para ativar o pensamento do sujeito humilde e analfabeto, para com isso tentar superar os problemas e as injustiças sofridas pela massa popular.

De fato, o método de alfabetização de jovens e adultos (uma prática muito relegada na sociedade brasileira), volta-se para as pessoas aprenderem a fazer a leitura do mundo de forma interativa e participativa. Portanto, combater o analfabetismo era uma forma mais coerente de inserir o homem no contexto social e lhe devolver a sua autonomia. Tendo em vista a superação da passividade e da opressão, por meio da estruturação de um conhecimento memorizado na elaboração e na (re)elaboração para mudar o pensamento

do homem inserido na sua própria história (Freire, 2000). Ora, neste contexto de luta pela compreensão das ideias, a educação funcionava como um processo de conhecer a realidade através de uma práxis partilhada conscientemente.

O diálogo freireano, como força do pensamento consciente

Na visão freireana, sem o diálogo não existe comunicação, e sem a comunicação, não se constrói a verdadeira educação. Ou seja, “é operando a superação da contradição entre educador e educandos que se instaura a situação gnosiológica, onde os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o sujeito cognoscível que os mediatiza” (Freire, 1987, p.47). Acrescenta ainda que: “O educador e o povo se conscientizam através do movimento dialético entre a reflexão crítica sobre a ação anterior e a subsequente no processo de luta” (Freire, 1982, pp. 109-110). Tudo isso, reflete uma construção interfaceada do outro com o outro, onde a compreensão partilhada e consciente das ideias livres do homem em busca da sua autonomia serve como instrumento de superação para a igualdade humanitária (re)construída através da educação da autonomia centrada nas transformações sociopolíticas.

Note-se que na pedagogia do diálogo, ninguém sabe tudo, mas ninguém é de fato ignorante, pois na essência freireana a pessoa se eleva, não se diminui, não se reprime e é participativa. Ou seja, se constrói no respeito trabalhando os seus próprios problemas na flexibilidade, no âmbito da efetivação comunitária. Tendo em vista, o diálogo ser o instrumento fundamental nas relações das ocorrências do mundo, é de fato um sentimento de amor transformado em ação partilhada para mudar o mundo. Na ótica freireana, o diálogo não é apenas uma qualidade para o ser humano existir e se fazer presente no mundo partilhado, é decerto, uma condição natural de

dignificar o homem no saber pedagógico, em função da realidade do mundo na consciência dos fatos (Paulo Freire, 2000).

Paulo Freire (2000) ressalta o diálogo como a peça fundamental para a liberdade do povo opressor. Neste contexto, não se limitava as concepções (marxismo, e fenomenologia existencial), retrata nos seus escritos um pensamento único, porém não separava a educação da política, até porque na sua ótica, educação é um ato político que transforma o mundo através da autonomia do homem.

A leitura da palavra, como instrumento multiplicador do saber popular

Na ótica freireana, a leitura da palavra é uma ferramenta essencial para a compreensão do mundo inserido nas mudanças políticas e sociais (Paulo Freire, 1983). Ora, a leitura é um instrumento necessário para compreender o mundo através da prática consciente. “A leitura é a palavra do mundo”. Ler e escrever é um processo fundamental na educação freireana, na qual o homem se insere para compreender a realidade e (re)estruturar a sua consciência crítica.

Paulo Freire percebe a leitura como um processo infinito, o qual, “não se esgota na (des)codificação pura da escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (Freire, 1986, p. 11). Decerto, ostentado nas relações sociais do homem e com o homem. Acrescenta Paulo Freire: “a leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro enalço da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autoria. Esta forma viciada de ler não tem nada que ver, por isso mesmo, com o pensar certo e com o ensinar certo” (Paulo Freire, 1982, p. 30).

Além disso “Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal” (Freire, 1992, p. 3). Note-se que a experiência vivenciada por Paulo Freire subsidiou todo o seu processo criativo de uma educação para o povo para conquistar o mundo e reforçar uma democracia da cultura ensinando a pensar por si próprio. Ressaltou ainda: “Aprendemos, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo, para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a” (Freire, 1982, p. 76). Isto é, toda aprendizagem requer uma reflexão crítica para tornar-se de fato um conhecimento consciente real gerador de mudanças sociais.

Para Paulo Freire:

[...] toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo ou contra alguém, nem sempre claramente referido. Daí também o papel apurado que goza a ideologia na comunicação, ocultando verdades, mas também a própria ideologização no processo comunicativo (Freire, 1982, p. 158).

É nesse jogo de ideias que a cultura freireana se dissemina para ajudar o povo a pensar democraticamente no mundo e com o mundo.

Por outras palavras, aprender “é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito” (Freire, 1983, p.77). Isso é uma compreensão leal do ato de construção do saber pedagógico do homem injustiçado que passa a entender a mudança da realidade do seu mundo por meio de uma filosofia de vida centrada na consciência dos fatos, vista com o seu próprio conhecimento humanista. Decerto, uma luta travada entre: “um esforço comum da consciência da realidade e, autoconsciência,

que a inscreve como ponto de partida do processo educativo, ou da ação cultural de caráter libertador” (Freire, 1982, p. 117). Tudo isso, em busca da liberdade de pensamento de forma consciente e dinamizadora de ações centrada na práxis do saber partilhado.

Paulo Freire (2000) destacou neste processo educativo de massa, o amor e a coragem como estratégia motivadora para o homem se tornar letrado e conseguir superar os seus obstáculos conquistando a sua própria autonomia. Decerto, é através da aprendizagem sociointerativa que o homem pode mudar o seu pensamento, isto é, uma forma de interfacear o pensamento com a ação tendo como resultado o desempenho de uma expressividade maior. Toda essa articulação de construção do saber pedagógico era de fato o sonho de Paulo Freire (2004, p. 32), ressaltado no seu livro *Pedagogia do oprimido* (exílio no Chile), onde focou a humanização e a desumanização. Olhando por esta vertente, o homem alfabetizado e consciente do seu papel participativo e crítico, se inserem de fato na igualdade sociodemocrata com mais habilidade problematizadora.

Paulo Freire (2004), em sua filosofia educativa ressalta, prudentemente, que o povo precisava aprender a pensar junto, em prol da sua liberdade. Uma estratégia de mestre, pois só a cultura combate a ignorância e (re)estrutura o pensamento criativo. Tudo isso, em função de combater o antagonismo e os obstáculos massificados pela opressão. Ou seja, Paulo Freire lutava contra as injustiças que prejudicavam a população pobre e sonhava de fato com a inserção participativa do homem simples na sociedade. Assim, nenhum empecilho mudou o seu foco de, através da educação coletiva, preparar este homem para enfrentar conscientemente os seus próprios problemas.

Para Paulo Freire (2004) “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (p. 79). Tudo isso baseado numa larga experiência de vida, onde passou por várias provações, em virtude das suas ideias de mudar o mundo do oprimido, elimi-

nando as relações autoritárias entre o poder da classe dominante e o povo. Para tal, ressalta o seu processo de educar o povo através de uma educação dialógica, a qual leva o homem a pesar de forma consciente e criativa como um instrumento de superação da submissão, da opressão em busca da igualdade.

Neste processo de fortes desafios, a luta freireana para inserir a pedagogia da libertação, baseada nas suas vivências pessoais como um marco na história do povo brasileiro, foi um grande desafio sociopolítico, para concretizar os seus sonhos de contribuir com a humanização do povo inferiorizado, teve que lutar por uma transformação da democratização, centrada no conhecimento da realidade, através da compreensão de palavras geradoras de conhecimento voltadas para compreender o mundo e conquistar a liberdade. Até porque, na visão freireana: “Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa aos direitos dos alfabetizantes e exige também, a apreensão da realidade” (Freire, 2003, p. 66). Note-se que Paulo Freire teve uma visão de dois mundos: classe média e classe inferior e foi neste contexto que se apropriou de um conhecimento de amor ao povo, pois se inseriu na mesma comunidade e, através da sua sabedoria dinâmica da realidade, lutou pela igualdade social participativa como uma causa própria.

É pertinente ressaltar que Paulo Freire (2004) confiava no seu projeto educativo para mudar a história da massa popular, a qual era manipulada por uma classe dominante, esmagadora do direito do outro, e promotora de uma pseudo democracia. Na realidade, a educação freireana é problematizadora, verdadeira, superadora de antagonismo, a qual através de recursos formativos liberta o homem do anonimato, centra-se no letramento dialógico para a conquista da liberdade de pensar e entender o mundo de forma participativa, no âmbito da práxis, da reflexão e da ação partilhada. Ora, uma educação voltada para a apropriação de saberes, onde o conhecimento consciente da partilha das ideias muda a história da

massa, a qual passa a interagir melhor com o mundo sociopolítico, face à democracia real.

Paulo Freire (2004) defendeu a liberdade como uma conquista de humanização e não como uma doação, uma liberdade centrada na busca permanente do ato responsável de quem a faz. Isto é, “ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem” (p.35). Uma liberdade tão sonhada, construída por meio do conhecimento consciente do homem em busca de combater a desigualdade social, através da ação coletiva, da justiça, da ética e da autonomia do ser humano inserido na sua própria história, num processo de inclusão social partilhada, em prol da sua autonomia.

Ora, Paulo Freire sonhava com a democracia real:

Um desses sonhos era para que lutar, sonho possível, mas cuja concretização demanda coerência, valor, tenacidade, senso de justiça, força para brigar, de todas e de todos os que a ele se entreguem, é o sonho por um mundo menos feio, em que as desigualdades diminuam, em que as discriminações de raça, de sexo, de classe sejam sinais de vergonha e não de afirmação orgulhosa ou de lamentação puramente cavilosa. No fundo, é um sonho sem cuja realização a democracia de que tanto falamos, sobretudo hoje, é uma farsa. (Freire, 2000, p.25)

Na sua concepção popular, lutar pelo povo e com o povo, em função de construir um conhecimento pautado na sua realidade, para combater as injustiças de uma classe dominante, era promulgar a ascensão democrática deste povo, através do processo educativo. Era de fato, um ato de liberdade construído por uma concepção crítica do mundo diante da humildade de um povo que respirava a opressão e as injustiças.

Na ótica de Paulo Freire (1983), não existe educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio (...). A educação é

vista como um instrumento dialógico de mudança de pensamento consciente do povo e para o povo, em busca de superar a alienação em função da liberdade reafirmando o caráter democrático igualitário de direitos e deveres para todos. Haja vista, o sonho de Paulo Freire era usar o seu método dialógico e problematizador para educar o homem e libertá-lo da opressão das classes dominantes.

E afirmou:

Para nós, a participação não pode ser reduzida a uma pura colaboração que setores populacionais devessem e pudessem dar à administração pública. Participação ou colaboração, por exemplo, através dos chamados mutirões por meio dos quais se reparam escolas, creches, ou se limpam ruas ou praças. A participação, para nós, sem negar este tipo de colaboração, vai mais além. Implica, por parte das classes populares, um “estar presente na história e não simplesmente estar nela representadas”. Implica a participação política das classes populares através de suas representações no nível das opções, das decisões e não só do fazer o já programado. Por isso é que uma compreensão autoritária da participação a reduz, obviamente, a uma presença concedida das classes populares a certos momentos da administração. Para nós, também, é que os conselhos de escola têm uma real importância enquanto verdadeira instância de poder na criação de uma escola diferente. Participação popular para nós não é um slogan, mas a expressão e, ao mesmo tempo, o caminho da realização democrática (Freire, 2000, p.75)

Paulo Freire (1996) ressalta a Pedagogia da Autonomia como uma vertente centrada nas experiências estimuladoras de uma decisão, respaldada no poder de crítica, onde o papel de quem ensina e de quem aprende demanda duas vertentes: a liberdade e a autoridade (p.104). Uma autoridade de forma dinâmica e partilhada

com o povo e para o povo na humanização coletiva. Como disse antes, o homem deve “se sentir sujeito de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros” (Freire, 1982, p. 141). Ora, o homem nesta visão estava inserido na sua própria história e num processo relacional consciente da sua realidade para compreender o mundo de forma democrática e livre, uma autonomia consciente construída por meio da educação como prática da liberdade.

Em síntese, ressaltar as ideias e o sonho de Paulo Freire é uma responsabilidade muito grande. A sua luta pertinente para realizar o seu sonho de estar com o povo e inserir esta população analfabeta no mundo das ideias, através da educação dialógica e problematizadora, centrada na reflexão, na ação partilhada, num processo de interação consciente, como prática da liberdade superou as expectativas das classes sociais. Isto é, o seu objetivo era capacitar o homem simples para compreender e mudar o mundo de forma crítica e participativa, com base na essência da aprendizagem dinâmica e consciente, em função de combater o antagonismo sociopolítico. E com palavras simples do seu jeito de ser e de ver o mundo disse: “Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida” (Freire, 2004, p. 329). Observa-se aqui, no poder das suas palavras, que o seu sonho jamais morrerá e a luta por um poder de classe esmagada pelo destino social, jamais terá outro Paulo Freire, que mesmo no sofrimento sociopolítico (subversivo internacional), não esqueceu o povo e foi por este povo que lutou até a morte deixando um rico legado semeado no mundo inteiro, para as pessoas que querem se superar diante da opressão esmagadora. Paulo Freire tornou-se um mito na sociedade Brasileira, amou o povo e o povo continua a amá-lo usando o seu método de ensino para a democratização da cultura popular.

Referências bibliográficas

- Freire, P. (1975). *Comunicação ou extensão*. São Paulo: Paz e Terra. (A 1ª edição da obra original publicada em 1969 em espanhol em Santiago de Chile).
- Freire, P. (1979). *Consciência e História. A Práxis Educativa de Paulo Freire*. In C.A. Torres (Org.). São Paulo: Cortez & Moraes.
- Freire, P. (1982). *Educação Popular*. Lins: Todos os Irmãos.
- Freire, P. (1983). *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (1987). *Alfabetização: Leitura do Mundo*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. (8a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (25a ed.). (Coleção Leitura). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2000). *Educação como prática de liberdade: a sociedade brasileira em transição* (24a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2003). *Política e educação*. São Paulo: Cortez Editora.
- Freire, P. (2004). *Pedagogia do Oprimido*. (38a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (O manuscrito da obra original em 1968 e a 1ª edição publicada em inglês em 1970 em Nova Iorque e a 1a edição em português em 1974)